

A ÁRVORE DA VIDA, O MYMBA KUERA E O DILÚVIO NA TRÍPLICE FRONTEIRA

Mac Donald Fernandes Bernal¹
José Carlos dos Santos²

Resumo: O texto resulta de uma pesquisa em desenvolvimento sobre evocações culturais de remanescentes da cultura guarani na região da tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Aportado em discussões da antropologia, sociologia e história, o texto concentra-se em focar algumas imagens recorrentes no momento da formação do reservatório do lago de Itaipu, demonstrando a rearticulação de saberes mediante a evocação de imagens culturalmente significativas regionalmente, como a árvore, o artesanato, o dilúvio, dentre outras. Fontes iconográficas, memórias narradas e escritas são usadas como meio de demonstrar a experiência cotidiana de tecer o dia a dia na tarefa de sobrevivência de índios *Pai-Tavytera* ou *Kaiowa*, *Mbyá* e os *Ñandeva*, todos os que foram desalojados no momento de formação do Lago Internacional de Itaipu.

Palavras-chave: Remanescentes. Fronteiras. Imaginário. Simbologia.

Abstract: The text is the result of an ongoing research on cultural evocations of the Guarani culture remnants in the triple border among Brazil, Paraguay and Argentina. With the contribution of discussions about anthropology, sociology and history, the text focuses on some recurring images of Itaipu lake's reservoir, demonstrating the rearticulation of knowledge through the evocation of culturally significant images regionally, like the trees, the craft, the flood, among others.

¹ Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda, especialista em Comunicação Empresarial e mestrando em Sociedade, Cultura e Fronteiras pela UNIOESTE (Universidade do Oeste do Paraná). Dedicar-se a pesquisas sobre artesanato de referência cultural, memória e identidade regional. Email: mac.pub@gmail.com

² possui graduação em Filosofia, Especialização em Educação; mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996) e doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (2002). Atualmente é professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Docente de Graduação e Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu. Tem se dedicado aos estudos sobre: cotidiano, imaginários sociais, territorialidade, fronteira, meio ambiente e imaginário político. Autor de livro, artigos em vários periódicos nacionais e capítulos de livros. Orienta bolsistas do Cnpq, da graduação e pós-graduação. Bolsista Produtividade do CNPq. Email: professor-jose-carlos@hotmail.com

A ÁRVORE DA VIDA, O MYMBA KUERA E O DILÚVIO NA TRÍPLICE FRONTEIRA

Iconographic sources, written and narrated memories are used as a means of demonstrating the everyday experience of weaving the daily task of Pai-Tavytera or Kaiowa, Mbyjá and Nandeva's Indians, all who became homeless at the time that Itaipu's International Lake was formed.

Keywords: Remaining. Borders. Imaginary. Symbology.

Somos uma árvore da vida. Nesses 500 anos perdemos nossos galhos, nossas folhas, nossos frutos, mas ainda restou o nosso tronco, porque nós temos raiz milenar e devemos preservar. (Depoimento indígena durante o V Encontro Cultivando Água Boa – nov./2008).

Introdução

A região que margeava o Rio Paraná em 1982, acima da Hidrelétrica de Itaipu (na época em sua fase final), era composta por áreas de plantios e por fragmentos de Floresta Estacional Semidecidual. O clima subtropical úmido e água abundante permitiam a existência de uma grande variedade de espécies botânicas e uma rica fauna, composta de famílias de mamíferos, aves, insetos e répteis, além de diversos tipos de peixes que povoavam açudes e afluentes do Rio Paraná. Entre Guaíra e Foz do Iguaçu, além da diversidade natural, havia propriedades rurais e comunidades urbanas bem estruturadas, como a de Alvorada do Iguaçu.

Antes da formação do lago de Itaipu, foram localizados e cadastrados 71 indígenas, compondo 13 famílias, que formavam a Comunidade de Jacutinga – de índios do ramo “Avá” da Nação Guarani – em área de 30 hectares. Essas famílias foram transferidas para a então recém-criada Reserva Indígena do Ocoy, com uma área de 250 hectares, recebendo apoio técnico e financeiro da Itaipu. Nessa mesma época, levantamentos arqueológicos comandados pelo professor Igor Chmyz, da Universidade Federal do Paraná, descobriram 210 sítios só na margem brasileira do Rio Paraná, onde pesquisadores recolheram grande quantidade de peças de madeira, pedra e

Mac Donald Fernandes Bernal e José Carlos dos Santos

cerâmicas confeccionadas por populações que habitaram a região entre 1.000 a 8.000 anos passados.

Em 13 de outubro de 1982, entre 5h45 e 5h53, o fechamento das 12 comportas do canal de desvio do Rio Paraná iniciou a formação do Lago de Itaipu. A previsão era de que a operação levasse 90 dias, mas, devido às chuvas fortes e à maior enchente ocorrida na região em 40 anos, as correntezas do Rio Paraná levaram apenas 14 dias para encher o reservatório. Nesse período, as águas subiram 100 metros e chegaram às comportas do vertedouro às 10 horas do dia 27 de outubro. A Itaipu não tinha solução técnica para tornar mais lento o enchimento do reservatório.

Iniciada anteriormente a esse episódio, a operação *Mymba Kuera* (que em tupi-guarani quer dizer “pega bicho”), parte para uma ação mais efetiva correndo contra o tempo, conseguindo salvar a vida de 36.450 animais que viviam na área a ser inundada pelo lago. Segundo relatos do jornalista Juvêncio Mazzarollo, ao final da operação, inexplicavelmente encerrada poucos dias após o enchimento da represa, as equipes de captura, compostas por cerca de 200 homens em 17 lanchas e dois helicópteros, não puderam evitar que o grande lago se transformasse num imenso cemitério:

A operação havia capturado cerca de 11.000 animais na margem brasileira e cerca de 10.000 na margem paraguaia – números aparentemente expressivos, mas que se reduzem a nada quando se considera que, para cada animal salvo, pelo menos outros 50 foram vitimados pelo dilúvio. Além disso, boa parte dos animais recolhidos acabou morrendo por incompetência ou falta de meios de salvamento. (MAZZAROLLO, 2003, p.32).

A 5 de novembro de 1982, com o reservatório já formado, os presidentes do Brasil, João Figueiredo, e do Paraguai, Alfredo Stroessner, acionam o mecanismo que levanta automaticamente as 14 comportas do vertedouro, liberam a água represada do Rio Paraná e, assim, inauguram oficialmente a então maior hidrelétrica do mundo, após mais de 50 mil horas de trabalho.

A formação do reservatório interferiu na vida de milhares de pessoas que habitavam as margens do Rio Paraná entre Foz de Iguçu e Guaira. Os moradores de Foz viram o rio esvaziar

ARTIGO

A ÁRVORE DA VIDA, O MYMBA KUERA E O DILÚVIO NA TRÍPLICE FRONTEIRA

a jusante da barragem, enquanto Guaíra lamentou o alagamento das Sete Quedas. A perda foi significativa para todo o Estado do Paraná que tem na atividade turística um forte atrativo e movimentação de recursos.

Além do impacto socioambiental, alterações climáticas nas cercanias do reservatório e, de modo geral, no lado oeste do Paraná, foram percebidas com o passar dos anos. Os verões são quentes, com médias acima de 22°C, e invernos pouco intensos, com geadas raras. As chuvas se concentram no verão e o inverno corresponde à estação seca. As chuvas que tinham um regime previsional, parecem agora não obedecer a um regime exato. Chove muito em alguns períodos e pouco em outros; esse fator é um dos geradores de prejuízos para agricultura, pois alterou o tempo da germinação e o regime de chuvas, provocando, inclusive, a imprevisibilidade, modificando não somente a paisagem, mas, sobretudo, a relação humana com o meio natural de produção da sobrevivência.

É importante considerar também que a relação de agricultores com a terra é uma relação de sentimento. Como afirmou Tuan, o espaço precisa ser um lugar da experiência: “[...] experienciar significa aprender, significa atuar sobre o dado, e criar a partir dele” (TUAN, 1983, p. 10). É nesse exercício sobre o mundo dado que todos os sentidos são postos em movimento: o tato, a visão, os cheiros, o trabalhar a terra, o sentir a chuva, o tomar a água. É com esse experienciar com o dado que os mitos são lembrados, postos a dialogar, a criar soluções ou, simplesmente, para elaborarem respostas.

A alteração de paisagem causada pelo represamento do rio Paraná, portanto, foi um desses grandes acontecimentos que alterou um “diálogo domesticado”, alterou a “nominação do caos”, como diria Peter Berger (1973, p. 37). Antes havia um controle do tempo: o trabalho, a colheita, o regime de chuvas, das geadas, enfim, um ecossistema equilibrado. O grande acontecimento criou novamente o caos.

A operação *Mymba-Kuera* foi um desses não raros momentos da memória da formação do lago em que a fronteira ficou demarcada pelo caos. Não somente pelo fato de sua emergência mais rápida do que o previsto – como acima pautado –, mas, sobretudo, por demarcar um tempo antes não conhecido. Foi também caótico na forma apontada acima por Müller: as diversas equipes técnicas não se haviam preparado

Mac Donald Fernandes Bernal e José Carlos dos Santos

para efetuar o resgate de animais em tão poucos dias, dada a velocidade com que as águas subiam hora a hora.

Essa operação foi caracterizada pela divulgação de imagens documentadas em fotos e vídeos dos biólogos de Itaipu percorrendo o lago com seus barcos, resgatando diversos bichos que se refugiavam no topo das árvores quase imersas pelo dilúvio.



Operação *Mymba Kuera* no Lago de Itaipu
Fonte: www.itaipu.gov.br

A árvore

No meio do caos, o mito renasce: a árvore. Esse mito, presente desde a colonização do Paraná, foi um símbolo forte que está inserido no imaginário do homem regional. Em muitos museus do Estado – e em todos os museus regionais – estão guardados fragmentos de memórias que remetem a imagens positivas ou a imagens negativas com a árvore. Nos primeiros tempos, os pioneiros são representados como homens fundadores de cidades. Eles posam ao lado de enormes troncos como se fossem monstros vencidos. Essas imagens descrevem troncos tombados cujos dominadores estão em pé ou com o pé direito sobrepujando o “animal”. Ao lado do corpo caído, o caminhão Ford ou uma junta de bois “bem aparelhada”. Essas imagens só fizeram sentido quando havia discursos sobre o

ARTIGO

A ÁRVORE DA VIDA, O MYMBA KUERA E O DILÚVIO NA TRÍPLICE FRONTEIRA

sertão como ameaça e empecilho do desenvolvimento da economia nacional e regional (SANTOS, 2011). Nos dias atuais, quando as consequências climáticas reforçam as ideias de preservação ambiental, esse discurso foi reelaborado.

O simbolismo da árvore nas culturas através dos séculos esteve sempre presente nas tradições mais diversas e heterogêneas, que transmitiam toda a essência de um sistema cosmológico unificador através do mesmo arquétipo, homogeneizando o dinamismo estruturante do inconsciente coletivo. Ela proporciona uma renovação não só da natureza, mas também da própria humanidade, levando a equacionar a importância fundamental de uma interpretação simbólica do Cosmos (PONTES, 1998)

Esse símbolo esteve quase sempre associado ao imaginário da ascensão. A árvore traduz inevitavelmente esse anseio que a humanidade carrega, desde sempre, de alcançar a realização espiritual renunciando a suas fraquezas, a suas incapacidades e a seus defeitos. Possivelmente esse sentido de ascensão está ligado a essas imagens de dominação e de controle da natureza, de exposição de sua fonte, a terra, de mudança de sua natureza – transformando árvore em “madeira” útil.

Nessa constatação é importante citar, ao lado de Tuan, o conceito de arquétipo de Jung. Neste estudo não se fará um estudo de psicanálise, mas lembrar Jung fará compreender esse imaginário da árvore que se, de um lado, está enraizada na cultura local, por outro, há uma imagem fundamental pairando por sobre esta cultura e sempre à disposição para se materializar em sentimentos domésticos, hodiernos. Conforme Fierz:

Na medida que o homem tem a consciência sob seu comando, a maneira típica e instintiva de agir inclui a maneira típica de olhar para as coisas, o que Jung chamava de o arquétipo. Assim, quando uma pessoa sofre sem instinto ou sem compreender sua posição, a imagem arquetípica, a forma como o homem tipicamente imagina o mundo, vem em sua ajuda: ela torna possível a orientação e a ação instintiva. (FIERZ, 1997. p. 101).

Cabe comentar que os estudos sobre arquétipos foram alargados por pesquisadores como Gaston Bachelard, Mircea Eliade, Gilbert Duran, Bourdieu, dentre outros, e que abordaram a existência humana frente a universos simbólicos, atribuindo

Mac Donald Fernandes Bernal e José Carlos dos Santos

a estes, certo dinamismo estruturante do psiquismo humano. Para Jung, imagens fundadoras teriam esse importante papel de presentificar as ações, remendando as razões de viver e essas imagens fundamentais. A árvore, neste estudo, parece-nos ser um desses modelos arquetípicos fundadores de ações.

A operação “pega bicho” remete à imagem fundadora. Dentre tantas possíveis – há um dilúvio ocorrendo na formação do reservatório; choveu durante muitos dias; não havia agentes capazes e equipados para promover o resgate de animais e pessoas – a imagem que vai para a imprensa, para os jornais e, portanto, para os arquivos, é a de uma pequena árvore onde estão alojados macacos, cobras e aves; ao lado, a inundação; não há mais terra; tudo coberto. O barco se aproxima e resgata. Mas a árvore “da vida” estava sendo afogada, mas ainda sólida, guarda as vidas e depois tomba (submerge).

Em outros períodos e continentes, a árvore já foi mencionada em estudos científicos, contos, lendas e memórias as mais diversas. No Egito Antigo, na Ásia, na Índia, na Mesopotâmia, no Antigo Testamento, na história das religiões, nos ritos, nos símbolos, na arte e nas tradições populares do mundo todo, ela está presente sob diversos títulos: *Árvore Cósmica*, *Árvore da Vida*, *Árvore da Imortalidade*, *Árvore Invertida*, *Árvore da Juventude Eterna*, *Árvore da Sabedoria*, dentre outras. Nessas diversas culturas, ela está vinculada a rituais que “ligam” o sagrado e/ou o profano; está ligada a rituais que podem conduzir ao céu assim como às profundezas do mundo subterrâneo; pode estar, enfim, ligada à vida e/ou à morte.

É justamente essa flexibilização de sentidos simbólicos que remete a relacionar a árvore à fertilidade e aos papéis humanos femininos. Importante fator de perpetuação, a árvore tem em comum com a mulher o ato sagrado da fecundidade. Imbuída da função de gestação, a árvore liga-se ao instinto feminino da maternidade. Ambas trazem, dentro de si, o fruto que assegura a existência. De forma significativa, essa aproximação foi consolidada no cristianismo. Árvore, terra e água, ficaram metaforicamente direcionadas ao corpo feminino. Germinar, criar a vida, proteger, dar frutos - este é o mito sagrado da fecundidade. No paraíso, a humanidade foi gerada com a proteção da árvore.

A árvore, no imaginário cristão, era o centro do Jardim do Éden. Segundo inscrições bíblicas do Gênesis, havia a ordem

ARTIGO

A ÁRVORE DA VIDA, O MYMBA KUERA E O DILÚVIO NA TRÍPLICE FRONTEIRA

a Adão: “E ordenou o SENHOR Deus ao homem, dizendo: ‘De toda a árvore do jardim comerás livremente. De todas, menos uma, a do conhecimento do bem e do mal’” (Gen 2,16). Os textos relatam que essa árvore foi criada antes do casal fundador da humanidade; muitos comentaristas afirmam que essa árvore não possuiria qualidades intrinsecamente vitalizadoras nos seus frutos, mas seria um símbolo representativo da garantia de vida eterna, da parte de Deus, para aqueles a quem fosse permitido comer do fruto dela. Visto que Deus colocou essa árvore ali, crê-se que o objetivo seria permitir a Adão que comesse do seu fruto, talvez após ficar provada a sua fidelidade ao ponto que Deus julgasse satisfatório e suficiente. O que realmente estava em jogo não era o fruto, mas a obediência de Adão, sua fidelidade para com Deus. Quando Adão desobedeceu, foi-lhe cortada a oportunidade de comer daquela árvore, impedindo a ele e à sua descendência de alcançar a vida eterna.

Expulso do Éden, foi impedido de retorno. Diz o texto de Gênesis 3,22-24:

Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal; ora, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente, o Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado. E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida.

A expulsão, no entanto, originou o recurso de possibilidade de retorno. No apocalipse, foi assim escrito (Apocalipse 2:7): “Quem tiver ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor darei de comer (do fruto) da árvore da vida, que se acha no paraíso de Deus”. No Apocalipse, o texto se refere aos modos de religião dos dois mundos, o sagrado e o profano. Ele menciona a possibilidade de retorno ao desfrute da árvore da vida, a comunhão com Deus.

Segundo Salgado Neto, alguns escritos religiosos da antiga Caldeia afirmam que:

Próximo de Eridu havia um jardim em que havia misteriosa Árvore Sagrada, uma Árvore da Vida, plantada por divindades, cujas raízes

Mac Donald Fernandes Bernal e José Carlos dos Santos

eram profundas, ao passo que os ramos atingiam o céu, protegido por espíritos guardiões, e sem nenhum homem entrar. (SALGADO NETO, 2009. p. 67).

Também no Egito havia o culto à árvore. Segundo o mesmo autor,

Os antigos egípcios também possuíam lendas similares, sendo que, numa delas, se apresentava a crença de que, depois do Faraó morrer, havia uma árvore da vida da qual teria de comer para se sustentar no domínio do seu pai, Rá. (Idem: p. 69).

Arquétipo (Jung) ou elemento da nomenclatura (Berger), esta imagem da árvore é central na simbologia cristã. E, sempre lembrado por Kreutz (1991) e Azzi (1993), o cristianismo foi um elemento fundamental na formação cultural brasileira e, de modo especial, do sul do Brasil onde os imigrantes foram escolhidos em função destes elementos culturais.

A árvore como símbolo

As representações simbólicas fazem parte do itinerário do desenvolvimento histórico cultural onde pode ser observada a adoção de arquétipos (Jung) ou adoção de símbolos fortes para a naturalização da cultura (Bourdieu). A atribuição de significados a seres inanimados, ritos de passagem, ocorrências e fenômenos naturais, seres fantásticos e míticos, ocorre desde os primórdios da humanidade. De acordo com o filósofo Gilbert Durand (1988), é através da representação simbólica que nos apropriamos do mundo.

Nas representações do ser brasileiro está presente essa especificidade em relação à simbologia da árvore. Essa memória social é compartilhada por muitos integrantes do corpo social, confluindo para uma espécie de autoimagem do “povo brasileiro”. Essa memória social é de grande importância na formação da identidade de um povo, pois o passado do país, compartilhado por seus integrantes, influencia na imagem que o grupo tem dele mesmo no presente. Diversos pontos de referência (monumentos, personagens, datas históricas, paisagens, tradições, lendas e costumes) inserem a memória

ARTIGO

A ÁRVORE DA VIDA, O MYMBA KUERA E O DILÚVIO NA TRÍPLICE FRONTEIRA

individual na coletiva, o que envolve um processo de seleção e de negociação para que haja o máximo de pontos de contato construídos sobre uma base comum, fundamentando e reforçando o sentimento de pertencimento e as fronteiras socioculturais, gerando coesão pela adesão afetiva (Tuan) e não pela coerção. São esses os elementos que, uma vez codificados como símbolos, servem como construção de uma referência cultural.

A prática das tradições é de suma importância para a perpetuação cultural de grupos determinados. Na concepção de Hobsbawn (1984), as tradições - esse conjunto de práticas de natureza ritual - teriam por objetivo incorporar determinados valores e comportamentos definidos por meio da repetição em um processo de "continuidade em relação ao passado", via de regra, um passado histórico apropriado. Essas tradições podem ser expressadas pela escolha de um símbolo, por exemplo, funcionando como uma reação a situações novas, funcionando como referência a situações anteriores em uma continuidade artificial. A operação "pega bicho" não foi uma ação ritualística, até mesmo porque o evento de formação do reservatório foi único; não se repetiu nem se repetirá. A árvore da foto, como símbolo, foi uma linguagem recorrente, sendo ritualizada de outros modos, como no artesanato guarani, que será explicitado mais adiante. Essa "repetição" nos autoriza a pensar na relação da representação e da permanência, em uma imagem sempre ao alcance da mão para realizar a imaginação.

É a essa relação de manipulação do tempo que podemos referir as pesquisas de Pierre Bourdieu. Na análise de Bourdieu (1989), a tradição neokantiana trata os diferentes universos simbólicos (mito, língua, arte e ciência) como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos, como "formas simbólicas", reconhecendo o aspecto ativo do conhecimento. Logo, viver é presentificar os mitos com a manipulação do seu material sagrado. A constituição desses símbolos não está isenta de uma articulação objetiva, ou seja, o "poder simbólico" exerce grande eficácia dentro de um plano metodológico. A árvore como elemento simbólico, portanto, deve se manifestar em outros momentos da vida social e responder a outros usos com a devida dilatação dos seus significados iniciais.

Nesses termos, pode-se pensar uma espécie de identidade

Mac Donald Fernandes Bernal e José Carlos dos Santos

de grupo onde cada membro compartilhe de alguma – mas não de forma dominante, homogênea – representação do símbolo. Trata-se de uma “realidade” que, sendo em primeiro lugar *representação*, depende profundamente tanto do conhecimento e quanto do reconhecimento.

Segundo Bourdieu, para uma concepção simbólica, a objetividade do sentido do mundo define-se pela concordância das subjetividades estruturantes, ou seja, o julgamento é igual ao consentimento ou, em suas palavras, o senso é igual ao consenso: “Nesta tradição idealista, a objetividade do sentido do mundo define-se pela concordância das subjetividades estruturantes (senso = consenso)” (BOURDIEU, 1989a: p.8).

Já para os sistemas simbólicos como estruturas estruturadas, Bourdieu considera que são passíveis de uma análise estrutural. Essa análise estrutural tem em vista isolar a estrutura permanente de cada produção simbólica:

Os “sistemas simbólicos”, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o *conformismo lógico*, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências”. (BOURDIEU, 1989b: p. 9).

Nesse sentido apontado pelo autor, os símbolos são instrumentos por excelência da “integração social”. Enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social, o que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social. A integração lógica é a condição da integração moral.

A ritualização das representações fundamentais (Hobsbawn; Bourdieu), seguindo um determinado *status* de símbolo, precisa ser “repetível” de muitas formas. Somente pelos rituais podemos ter a certeza não somente de sua existência, mas, sobretudo, do poder de nomizar o mundo (Berger) e de criar a ordem gnosiológica (Bourdieu). Nesses termos, o programa Nandeva (“Todos nós”) pode ser colocado ao lado da operação “pega bicho”.

ARTIGO

A ÁRVORE DA VIDA, O MYMBA KUERA E O DILÚVIO NA TRÍPLICE FRONTEIRA

O programa Ñandeva



A Árvore da Vida Guarani

Fonte: <<http://www.nandeva.org/pt-br/produto/arvore-da-vida-guarani-ocoy>>

Essa é uma representação artística que foi nominada “árvore da vida”. Há muita semelhança com a foto que registrou a operação “pega bicho”. A foto, no entanto, antecede o artesanato. Esse fato nos remete a compreender o lugar e o momento do registro, a intencionalidade do olhar do fotógrafo. O registro, no entanto, leva à compreensão do ritual e do compartilhamento com outros atores no momento da concepção e execução dessa peça de artesanato. Como referência identitária da imagem, o sítio de internet inunda o leitor com a seguinte informação:

Artesanato típico guarani, representando a formação do lago de Itaipu em árvore com vários animais. São esculturas confeccionadas em madeira leiteiro ou canjarana. A matéria-prima utilizada em sua fabricação foi obtida de forma ambientalmente correta, socialmente benéfica e economicamente viável. Embalagem: Produto não acompanha embalagem. Medidas do produto (LxCxA): 29x18x20 cm. A beleza do artesanato está naquele que aprecia e faz o seu melhor com as próprias mãos. (Fonte: <http://www.nandeva.org/pt-br/produto/arvore-da-vida-guarani-ocoy>. Acesso em 12/07/2014).

Mac Donald Fernandes Bernal e José Carlos dos Santos

Embora visível a estratégia mercadológica – que intenciona atingir o consumidor e sua “consciência ecológica” (cuja representação não será explorada neste artigo) - o texto menciona aspectos importantes das representações sociais. Primeiramente menciona um sentido “histórico de fundação”: a imagem construída remeteria à ancestralidade guarani. Em seguida, sua relação com a formação do reservatório da usina hidrelétrica. Quanto à matéria-prima, faz-se questão de evidenciar que a madeira utilizada não é carne de monstros domesticados quando do período da formação. São imagens fortes de um contradiscurso, ou seja, da negação daquilo que o lago representou: morte! Morte de animais, morte de árvores, morte de terras agricultáveis, morte de lembranças. O reservatório é um cemitério. E o texto quer expressar, ironicamente, a sua antítese. Até mesmo os índios guaranis, ao perderem suas terras, foram “assentados” em uma reserva cujo nome leva a nomenclatura do rio: Ocoy. Corria o ano de 1982.

O Nandeva (“Todos nós”, no idioma guarani) é um programa sem fins lucrativos que apoia o desenvolvimento do artesanato na categoria “de referência cultural”. Definiu-se que sua finalidade é:

[...] a busca pelo fortalecimento de uma identidade cultural da Região Trinacional do Iguaçu (região de fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai) através da inserção de elementos e ícones que remetem à cultura destes povos, com foco no setor artesanal e design. São articuladas ações para a capacitação, contribuindo para a melhoria da qualidade das peças, transferência de tecnologias aplicadas ao artesanato e a busca por canais de comercialização dos produtos, gerando emprego e renda para os artesãos”. (Fonte: <<http://www.nandeva.org/pt-br/quem-somos>>. Acesso em: 26 fev. 2014).

O Programa foi oficialmente instituído em 2006 através de um Plano Diretor Trinacional elaborado por 23 entidades da região e sua área de abrangência está situada ao longo do rio Paraná, numa extensão de aproximadamente 600 km, compartilhados pelos três países. Hoje a marca Nandeva no Brasil é de propriedade da Fundação Parque Tecnológico Internacional/Brasil; na Argentina é de propriedade da FAM – Fundación de Artesanías Misioneras e no Paraguai do PTI/Paraguai. Sua área de atuação abrange, no Brasil, os municípios

ARTIGO

A ÁRVORE DA VIDA, O MYMBA KUERA E O DILÚVIO NA TRÍPLICE FRONTEIRA

da Costa Oeste do Paraná. Na Argentina, os municípios do estado de Misiones, saindo de Puerto Iguazu até Posadas. E, no Paraguai, de Ciudad del Este até Encarnacion, na região compreendida pelo estado de Alto Paraná e Itapúa.

Os produtos artesanais desenvolvidos com o apoio do Programa Ñandeva caracterizam-se pelos discursos de “[...] combinação entre o cuidado com a natureza, a cultura da região e a criatividade do artesão” (Fonte: <<http://www.nandeva.org/pt-br/como-comprar>>. Acesso em: 26 fev. 2014). Por isso cada peça é exclusiva, podendo haver pequenas variações de cores, tamanhos, formatos, materiais e uso da iconografia.



Ícone “A Árvore da Vida” do Programa Ñandeva

Fonte: <http://www.nandeva.org/pt-br/produtos?title=&field_categoria_value=All&page=6>.

A simbologia iconográfica foi concebida a partir de uma pesquisa fotográfica local, onde foram feitos registros de elementos característicos (objetos, fauna e flora, tipos de materiais) que serviram de premissas para a concepção dos ícones. A partir de então, profissionais da área de *design* trabalharam as peças, criando a impressão iconográfica moderna e o uso de materiais diversos atendendo ao requinte dos possíveis consumidores. Daí decorre a razão da imersão do leitor na apresentação da peça citada acima.

Uma das obras de maior destaque do Programa Ñandeva é o artesanato indígena intitulado “Árvore da Vida”, que

Mac Donald Fernandes Bernal e José Carlos dos Santos

pretende representar um fenômeno consequente da formação do Lago de Itaipu na visão da Comunidade Guarani do Ocoy, do distrito de Santa Rosa do Ocoí, em São Miguel do Iguçu. Com o subir dessas águas, os animais buscaram abrigo no topo das árvores, na tentativa de salvar suas vidas. Estas seriam então como “árvores da vida”, que mais tarde se tornariam o artesanato que leva o mesmo nome. Esse fato é tido também como importante momento no ciclo econômico da região, proporcionando novos atrativos turísticos e de lazer com o surgimento das praias artificiais, das práticas esportivas e do desenvolvimento de programas e pesquisas socioambientais. (Revista Painel, nº 232. <http://www.jtezza.com/capa_232.htm e <http://www.cultivandoaguaboa.com.br>>).

O artesanato de referêncnia cultural

Para Bourdieu, o poder simbólico é esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o exercem. O artesanato de referência cultural encontra fundamento nessa perspectiva de cumplicidade quando permite definir um objeto de arte pela intencionalidade estética do objeto e não por uma funcionalidade, onde o espectador, para fruir a obra, precisa estar “pré-disposto” a tal, a aceitar seus códigos, mesmo que não seja um iniciado no campo dos conceitos da arte. Mesmo assim, uma introdução à história da arte, no caso ao conceito em que o objeto está inserido, dotará o espectador de algumas ferramentas úteis para a decifração de tais códigos inerentes ao objeto artístico, proporcionando legitimação à obra e a seu modo de produção.

Neste aspecto, corroborando com o pensamento de Bourdieu, podemos lembrar o conceito de cultura proposto por Clifford Geertz, a afirmar:

O conceito de cultura que eu defendo [...] denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação á vida”. (GEERTZ, 1973. p. 89)

ARTIGO

A ÁRVORE DA VIDA, O MYMBA KUERA E O DILÚVIO NA TRÍPLICE FRONTEIRA

Este conceito, somado ao pensamento de Bourdieu, permite perceber a existência dos grupos sociais enquanto históricos e como produtores de uma vasta iconografia que demarca sua existência. Necessário lembrar, no entanto, que os sentidos dos ícones são de uso exclusivo de seus criadores, especialmente em uma tríplice fronteira demarcada pelo multiculturalismo, como é o caso de Foz do Iguaçu.

Artesanato, madeira, árvores, bichos e água fazem parte do imaginário local. Logo, a veiculação desses signos não necessita de uma força coativa. Um artesanato representando a formação do lago de Itaipu com uma árvore contendo vários animais e fazendo uso de variados materiais, como a madeira leiteiro ou canjarana, parece ser naturalmente absorvido pelos expectadores, que logo assimilam a representação de cunho artístico atribuída aos índios guaranis e denominada “Árvore da Vida”.

É notável, no entanto, que se trate de um *chevauchement*, isto é, uma sobreposição de imagens. O artesanato de referência cultural é, em geral, aquele resultante de uma intervenção planejada de artistas e *designers*. Embora se afirme que “[...] há uma parceria com os artesãos, com o objetivo de diversificar os produtos, porém preservando seus traços culturais mais representativos [...]”, as peças, segundo o SEBRAE, ao serem processadas (racionalizadas) pela computação gráfica e pela autoria de sujeitos que não compartilham do ambiente natural, sofrem a falsificação da representação, no sentido de divergência cultural. Embora se utilizem:

[...] as cores e elementos da paisagem local, suas imagens mais características, sua fauna e flora e retrate-se os tipos humanos e seus costumes mais singulares, utiliza-se as matérias-primas disponíveis na região e as técnicas que foram passadas de geração em geração. São produtos cuja característica é a incorporação de elementos culturais tradicionais da região onde são produzidos. São, em geral, resultantes de uma intervenção planejada de artistas e *designers*, em parceria com os artesãos, com o objetivo de diversificar os produtos, porém preservando seus traços culturais mais representativos. (Fonte: Termo de Referência do Artesanato – SEBRAE, 2010).

Mac Donald Fernandes Bernal e José Carlos dos Santos

O artesanato de referência cultural é uma forma promissora da atividade artesanal. O grupo cultural guarani produziu um legado cujos sentidos estão inscritos em vários ícones. Enquanto sujeitos históricos reelaboram estes sentidos frente a outras demandas do tempo presente. Ao mesmo tempo, outros atores sociais podem se apropriar destes ícones e sobre eles produzirem outras representações.

O artesanato produzido, além de valorizar a produção dessa técnica, faz com que os objetos produzidos sejam revestidos de conceito, portadores de uma história singular autêntica, que, ao ser contada, acaba tornando-se seu maior valor agregado. Nesses objetos, sua forma final, as cores neles aplicadas, a matéria-prima, os elementos gráficos e visuais que os distingue, nada é gratuito nem desprovido de significado. O produto é vinculado a uma história própria, seja através do uso de certos materiais e insumos ou técnicas de produção típicas da região, seja pelo uso de elementos simbólicos que fazem menção às origens de seus produtores ou de seus antepassados. Essa atividade artesanal, no entanto, não se confunde com a criação, utensilagem material e sentimental de muitos outros atores que hodiernamente manipulam essas mesmas imagens.

O Nandeva jamais será cultura indígena. Ela é mais ampla e carregada de outros sentimentos. Isso está dito na Missão do Programa:

Fortalecer a identidade cultural da Região Trinacional do Iguassu, com foco no setor artesanal e *design*, articulando ações para capacitação, transferência de tecnologia e geração de emprego e renda. (<<http://www.nandeva.org/pt-br/quem-somos>>).

O artesanato de referência cultural, que é a categoria contemplada pelo Programa Nandeva, também assume o caráter de souvenir, consistindo, no caso, em objeto que resgata memórias que estão relacionadas ao destino turístico. São atributos valorizados por um mercado globalizado, ávido por produtos diferenciados e que atende a uma demanda mercadológica detectada na Região Trinacional do Iguassu. Não há como negar, no entanto, na linguagem de Pierre Certeau, que a modernidade é uma floresta de linguagens colocadas para apreciação do consumidor.

ARTIGO

O artesanato Guarani

A menção dos índios guaranis como sujeitos históricos possivelmente responde a uma questão estratégica do *marketing* para o Artesanato de Referência Cultural da chamada Região Trinacional do Iguaçu. Registros do século XVI apontam a existência de núcleos guaranis distribuídos ao largo de toda a margem oriental do Paraguai e pelas duas margens do rio Paraná, limitado ao norte pelo Rio Tietê e ao oeste pelo Rio Paraguai. O núcleo de Iguaçu, localizado na confluência dos rios Iguaçu e Paraná era, no período, o mais povoado pelos guaranis de diversos troncos culturais. Depois, porém, com o fim das missões jesuíticas e a migração da população branca para esse território, houve um declínio forçado da população indígena.

Na região Oeste do Paraná encontram-se três comunidades guaranis que participam do “Programa Sustentabilidade de Comunidades Indígenas” da Itaipu Binacional: *Tekoha Ocoy* (São Miguel do Iguaçu), *Tekoha Añetete* e *Tekoha Itamarã* (Diamante D’Oeste). Afirma-se:

[...] o programa objetiva promover condições para a sustentabilidade do modo de vida guarani, promovendo o respeito à diversidade e a valorização da alteridade, considerando os seguintes eixos: melhoria da infraestrutura; produção agropecuária; fortalecimento da diversidade cultural; estímulo à formação de parcerias; e segurança alimentar e nutricional. (Fonte: <<http://www.cultivandoaguaboa.com.br/>>. Acesso em: 26 fev. 2014).

O Programa define-se, portanto, como uma ação assistencial para o modo de vida dos assentados remanescentes guaranis que foram deslocados pela formação do reservatório de Itaipu. Trata-se de arremedos de mundo, de costuras, de composições, de *chevauchement*, de sobreposições. No imaginário guarani registrou-se também a presença de fortes imagens referentes à árvore, do artesanato da madeira e da água.

Os guaranis representam a terra (*tekoha*) como instituição divina, dada pelo deus criador para a realização de sua cultura.

Mac Donald Fernandes Bernal e José Carlos dos Santos

O artesanato, para esses indígenas, está intimamente relacionado com as atividades do cotidiano, pela confecção de instrumentos utilitários e para uso nos rituais. Nas comunidades *Ocoy*, *Añetete* e *Itamarã*, os indígenas trabalham principalmente com materiais naturais como bambu, bananeira, madeira, cabaça, sementes e penas. Seus trabalhos são vendidos na rua em pontos de visitação, em exposições, em visitas a lugares de grande circulação e nas lojas do Programa Ñandeva. Quando existe a venda direta (índio/comprador), geralmente nas ruas, é recorrente o uso de crianças para convencer o consumidor. Este é um outro circuito, não oficial, autônomo.

Embora o uso de materiais e o jeito de fazer artesanato se distanciem cada vez do trabalho produzido pelo Ñandeva e pelas peças dos *designers*, há ainda traços de uma cultura fragmentada. Dos animais entalhados em madeira às cestas de bambu e fibras de bananeira, tudo tem uma simbologia própria, relacionada a crenças e a costumes tradicionais, porém não são mais que corpos vagos, vazios de sentido. O circuito agora é outro em face da desterritorialização do mundo, isso aprofundado pelo reassentamento em 1982. O caos do “nomos” cria pequenos circuitos possíveis. Os guaranis de atualmente não são mais os guaranis de outrora. O que há é um cultivo de lembranças que servem de motivadores para respostas cotidianas, ou seja, faz-se a recomposição de fragmentos de memória modificados pelas intervenções sociopolíticas na fronteira. Essas modificações, por sua vez, forçam a novas respostas.

A produção do artesanato pelos indígenas obedece ainda à tradição da não rígida divisão do trabalho. O artesão é responsável por confeccionar utensílios de uso diário e peças para gerar renda para as famílias, mas, para o indígena, essa perspectiva não é tão evidente, como descreveremos a seguir.

O Guarani e a árvore

Para o cacique da aldeia *Ocoy*, Daniel Maraca Lopes³, os guarani nutrem uma relação de profundo respeito com a natureza que lhes garante sua sustentabilidade, considerando como se ela fosse um “irmão”, fornecendo todas as condições

³ Entrevista concedida em 23/02/2014.

A ÁRVORE DA VIDA, O MYMBA KUERA E O DILÚVIO NA TRÍPLICE FRONTEIRA

necessárias para seu povo manter e revitalizar suas tradições. Todo o artesanato produzido pelos guaranis tem sua matéria-prima extraída da natureza.

O mesmo cacique relata que, para o índio guarani, tudo é recíproco, todas as ações sempre são retribuídas. Para se cortar uma árvore, fazer um roçado, caçar, ou mesmo fazer uma caminhada na floresta, primeiro deve ser avaliada a necessidade, depois é pedido permissão ao deus da mata para que nada de mal aconteça. Caso contrário, essa pessoa pode ficar doente e, até mesmo, morrer por não respeitar a natureza que, desde sempre, sustentou seus antepassados.

O povo indígena considera-se guardião da floresta, pois acreditam que a natureza faz parte deles e eles fazem parte dela. Nasceram na floresta, cresceram na mata e, certamente, morrerão onde nasceram, o que é muito importante para eles. Tudo o que é retirado da terra tem que ser, de alguma forma, devolvido. Quando é retirado e não é repostado é como estar roubando a terra. Árvores como o cedro, o coqueiro e a erva-mate são muito respeitadas pelos guaranis, que as consideram sagradas. As palmeiras, por exemplo, significam a “longevidade” e são plantadas em volta da aldeia e no cemitério para manter vivos os espíritos dos que já se foram. Conseguem mudas no meio da mata e plantam para preservar a espécie. As palmeiras demoram onze anos para se desenvolver e o plantio com a comunidade indígena se reveste de um aprendizado dos saberes milenares.

As esculturas em forma de animais são chamadas de *vichoranga*, expressão traduzida para o português como “bichinhos”. Tais bichinhos são confeccionados em madeira das árvores sagradas. A extração da matéria-prima é feita com respeito e devoção. A madeira é coletada com cuidado a fim de não “maltratar” a árvore, de forma que ela possa voltar a oferecer esse mesmo material mais tarde. O coletor jamais destrói a árvore por completo. Da mesma forma, os animais também são considerados sagrados para os guaranis. Cotia, paca, papagaio (ou “louro”), quati, dentre outros, cada animal está ligado a um significado místico. Para esses índios, as onças (ou “tigres”: *Yauaretê*) são como os próprios guaranis, que vivem, caçam e cuidam da floresta por toda a vida.

Esses relatos, informados pelo jovem cacique, demonstram a crivagem de representações mediadas pelas demandas do

Mac Donald Fernandes Bernal e José Carlos dos Santos

tempo presente. A construção de peças artesanais, sua comercialização, estratégias de venda, etc., não permitem dizer que se trata de um saber milenar que os religaria ao povo guarani que tinha o controle do território transfronteiriço. Demonstra, porém, ao mesmo tempo, um deslocamento nesse universo simbólico, cujo ato de apelar para uma identidade representa uma afirmação no tempo presente.

Considerações finais

A beleza da cultura local está na possibilidade da ocorrência do diálogo multicultural. Há, contudo, de ser notado que a história política hierarquiza esses grupos através da apropriação/desapropriação de saberes. Os antigos guaranis – hoje nominados de Pai-Tavytera, ou Kaiowa, Mbýá e os Ñandeva que habitam a reserva de Ocoy também têm o desafio de territorializar esse mesmo cotidiano. A árvore parece adquirir o *status* de um ser que permite a (re)ligação desses mundos (refiro-me aos grupos sociais) tão dispersos e tão desiguais, ainda que conectados inconscientemente.

As imagens aqui descritas – o dilúvio, o “pega bicho”, as palavras do cacique – não são representações soltas, mas estão intrincadas em um imaginário que demonstra as articulações cotidianas de grupos sociais, quase sempre divergentes, que estão nessa territorialidade nominada de tríplice fronteira e que podem obter através da força simbólica centralizadora da “Árvore da Vida” guarani uma forma artística de se materializar.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R. F. T. *Laudo antropológico sobre a Comunidade Guarani-Ñandeva do Ocoy/Jacutinga*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia. 1995.

AZZI, R. *A Igreja e os migrantes: a aculturação dos italianos e a consolidação da obra escalabriniana no Brasil (1924-1951) - vol. 3*. São Paulo: Paulinas. 1993.

ARTIGO

A ÁRVORE DA VIDA, O MYMBA KUERA E O DILÚVIO NA TRÍPLICE FRONTEIRA

BERGER, P. L. *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1973.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes. 1973.

BINACIONAL, I. *Relatório de Sustentabilidade 2010*. Foz do Iguaçu, PR: Itaipu. 2010.

BORDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil. 1989.

DURAND, G. *A Imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix. 1988.

FIERZ, H. K. *Psiquiatria junguiana*. São Paulo: Paulus Editora. 1997.

GEERTZ, C. J. "A interpretação da cultura". In: *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editoriais. 1978.

HOBBSAWN, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1984.

ITAIPU, F. P. T. *O sol é lindeiro*. 1. ed. Foz do Iguaçu, PR: Editora Parque Itaipu. 2011.

KREUTZ, L. *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*. Porto Alegre/Florianópolis/Caxias do Sul: Ed. da UFRGS/ Ed. da UFSC/ EDUCS. 1991.

MASCÊNE, D. C.; TEDESCHI, M. *Termo de referência: atuação do Sistema SEBRAE no Artesanato*. Brasília, DF: SEBRAE. 2010.

MAZZAROLLO, J. *A taipa da injustiça: esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu*. São Paulo: Edições Loyola. 2003.

PONTES, M. R. "A árvore: um arquétipo da verticalidade (contributo para um estudo simbólico da vegetação)". In: *Revista da Faculdade de Letras "Línguas e Literaturas"*, Porto, p. 197-219. 1998.

SALGADO NETO, G. *Erasmus Darwin e a árvore da vida*. Revista Brasileira de História da Ciência, 2 (1): 96-103. 2009.

SANTOS, J. C. "Jecas pós-modernos". In: *Fronteiras: impactos ambientais na terra prometida*. Porto Alegre: Evangraf. 2011.

SCHADEN, E. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. São Paulo. USP. 1974.

Mac Donald Fernandes Bernal e José Carlos dos Santos

TUAN, Y. *Espaço e Lugar*. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL. 1983.

TEODORO, U. "Culicídeos do lago de Itaipu, no rio Paraná, Sul do Brasil". In: *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 29, nº 1, fev. 1995. Disponível em: <<http://blogdefoz.blogspot.com.br/>>. Acesso em 07/12/2013.

Recebido em: 30/07/2014 - Aceito em: 17/10/2014

ARTIGO